



# COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE O COMUNICACIONAL NO FAZER EDUCATIVO

Jullena Santos de Alencar Normando [\*]; Luciene de Oliveira Dias [\*\*]

Neste artigo, o objetivo é tensionar os conceitos de Comunicação e Educação, na perspectiva de um estudo de interface. Entende-se a Educação como um fazer comunicacional de múltipla direção e busca-se, nesse sentido, aproximar as perspectivas de Paulo Freire (1967, 1983, 1987), Ciro Marcondes Filho (2004, 2008, 2010) e José Luiz Braga (2004, 2008, 2010). Considerando Comunicação como uma processualidade que permite o agir em comum, pretende-se refletir sobre as interações educacionais e aquilo que viria antes da Educação, ou seja, o processo comunicacional que viabiliza a aprendizagem. Na proposta da Nova Teoria da Comunicação, interessa-nos a compreensão do fenômeno comunicacional (sinalização / informação / comunicação) e a questão da mudança, a partir da comunicação. Busca-se, com Paulo Freire, encontrar indícios do que é comunicacional em sua perspectiva dialógica e emancipatória de educação, que viabiliza mudança e autonomia. Haveria uma proximidade com a noção freireana educação / mudança / emancipação? Para tanto, a proposta metodológica é de uma discussão teórica acerca da relação entre as duas áreas, que por essência se aproximam, a fim de propor uma reflexão e um avanço teórico no campo da Comunicação.

**Palavras-chave:** Comunicação. Educação. Aprendizagem. Mudança.

## COMMUNICATION AND EDUCATION: NOTES ON THE COMMUNICATIVE IN EDUCATIONAL PRACTICE

### ABSTRACT (11pts – bold - justified)

In this article, the aim is to interrogate the concepts of Communication and Education from the perspective of an interface study. Education is understood as a multidirectional communicative practice, and as such, the goal is to bring together the perspectives of the Brazilian authors Paulo Freire (1967, 1983, 1987), Ciro Marcondes Filho (2004, 2008, 2010), and José Luiz Braga (2004, 2008, 2010). Considering Communication as a processuality that enables collective action, the intention is to contemplate educational interactions and what precedes Education, namely, the communicational process that facilitates learning. Within the framework of the New Communication Theory, the focus lies on understanding the communicational phenomenon (signaling/information/communication) and the aspect of change stemming from communication. With Paulo Freire's work, the objective is to uncover elements of the communicational aspect within his dialogic and emancipatory perspective on education, which fosters change and autonomy. Is there a proximity between Freire's notion of education/change/emancipation? Therefore, the proposed



methodology involves a theoretical discussion concerning the relationship between these two areas, inherently linked, in order to propose a reflection and theoretical advancement in the field of Communication.

**Keywords:** Communication and Education Interface. Education. Emancipation. Change.

## **COMUNICACIÓN Y EDUCACIÓN: APUNTES SOBRE LO COMUNICATIVO EN LA PRÁCTICA EDUCATIVA**

### **RESUMEN (11pts – negrita - justificado)**

En este artículo, el objetivo es tensionar los conceptos de Comunicación y Educación desde la perspectiva de un estudio de interfaz. Se entiende la Educación como una práctica comunicacional de múltiples direcciones y se busca, en este sentido, acercar las perspectivas de Paulo Freire (1967, 1983, 1987), Ciro Marcondes Filho (2004, 2008, 2010) y José Luiz Braga (2004, 2008, 2010). Considerando la Comunicación como un proceso que permite la acción en común, se pretende reflexionar sobre las interacciones educativas y lo que vendría antes de la Educación, es decir, el proceso comunicacional que facilita el aprendizaje. Dentro de la propuesta de la Nueva Teoría de la Comunicación, nos interesa comprender el fenómeno comunicacional (señalización / información / comunicación) y la cuestión del cambio a partir de la comunicación. Con Paulo Freire, se busca encontrar indicios de lo comunicacional en su perspectiva dialógica y emancipadora de la educación, que posibilita el cambio y la autonomía. ¿Habría una proximidad con la noción freireana de educación / cambio / emancipación? Por lo tanto, la propuesta metodológica es un debate teórico sobre la relación entre ambas áreas, que por su esencia se aproximan, con el fin de proponer una reflexión y un avance teórico en el campo de la Comunicación.

**Palabras clave:** Comunicación. Educación. Aprendizaje. Cambio.

### **INTRODUÇÃO**

Tratar de Comunicação e de Educação é, em alguma medida, tratar de fenômenos, processos e acontecimentos que envolvem sujeitos unidos em prol de um objetivo comum: seja o de se fazer entender por meio da interação, seja o da aprendizagem de algum conteúdo ou conhecimento. Essa zona de proximidade, muitas vezes, parece um pouco nebulosa e especialmente delicada quando o esforço se dá na intenção de delimitar aquilo que é do âmbito da Comunicação e aquilo que é do escopo da Educação.

Tal delimitação tem caráter estratégico e pedagógico a fim de facilitarmos a compreensão do que se pretende neste texto. É fundamental ressaltar que esses dois campos

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-20, e-rte331202415, 2024.**



estão intimamente imbricados e comprometidos um com o outro. Na verdade, a comunicação é uma ferramenta fundamental para a educação, uma vez que é por meio dela que os professores conseguem expor informações e construir conhecimentos com os alunos. Por outro lado, a educação é essencial para a comunicação, pois é por meio dela que os indivíduos aprendem a utilizar a linguagem de forma adequada e eficaz, o que é fundamental para o processo de interação social. Assim, embora a delimitação seja necessária para a sistematização do conhecimento, é importante lembrar que a Comunicação e a Educação são campos complementares e que se tangenciam e se fortalecem mutuamente.

De fato, nada escapa à Comunicação: tudo comunica. Nada é completamente alheio à Educação: ninguém nasce sabendo. No entanto, perspectivas tautológicas e reducionistas não tendem a contribuir muito para o avanço de uma discussão que considera a importância social das duas áreas e suas relações íntimas e conectadas.

Educação é um processo de construção de conhecimento, no qual estudantes são estimulados a pensar criticamente, a questionar e a buscar soluções para os problemas do mundo em que vivem. O papel do professor é, portanto, o de mediar esse processo, apresentando conteúdos, oferecendo orientação e estímulo, de forma a conduzir o grupo a construir seu próprio conhecimento.

A Comunicação, quando acontece, é um elemento fundamental nesse processo, uma vez que é por meio dela que as pessoas se expressam, compartilham ideias e constroem conhecimento de forma colaborativa. A Comunicação permite ainda que o conhecimento construído seja disseminado para um público mais amplo, permitindo que outras pessoas possam se beneficiar desse conhecimento e contribuir para o seu desenvolvimento. Dessa forma, Educação e Comunicação estão intrinsecamente ligadas, atuando em conjunto para promover o desenvolvimento humano e social.

A proposta da discussão teórica que apresentamos a seguir é tensionar os conceitos de Comunicação e Educação. Para isso, parte-se da concepção Freireana de Educação, incluindo aí a noção de emancipação, e da premissa de que a Comunicação é uma ciência cujas episteme, centralidade e especificidades estão em processo de construção e delimitação.



O esforço aqui é aproximar teóricos contemporâneos a perceberem a Comunicação como uma Ciência Básica (Braga, 2004, 2016, 2010); (Marcondes Filho, 2004, 2008, 2010) e da concepção libertadora e emancipatória de Paulo Freire (1967, 1983, 1987), que passa pelo diálogo para se concretizar.

A metodologia utilizada neste artigo é a revisão bibliográfica, a fim de embasar a tese que está em construção sob orientação da coautora. Para tanto, foram selecionados autores que abordam a Comunicação como uma Ciência Básica, além da concepção libertadora e emancipatória de Paulo Freire (1967, 1983, 1987), que enfatiza a importância do diálogo como ferramenta para a concretização da educação e da comunicação crítica.

## COMPREENDER O QUE É A COMUNICAÇÃO

A comunicação parece ser o processo que visa reduzir o isolamento e atingir diferentes objetivos como estéticos, afetivos, racionais, intelectuais, científicos, práticos, de aprendizagem e políticos. Uma perspectiva fundamental nos estudos contemporâneos acerca da Comunicação é a de José Luiz Braga. A constituição do campo da comunicação como disciplina acadêmica é um dos desafios ainda a ser enfrentado. Para o autor, há consenso sobre a perspectiva de que somos “um campo de estudos em construção” (2004, p. 220), isso porque as bases teóricas que são estudadas na área advêm de outras ciências mais maduras, como a Sociologia, a Antropologia, a Linguística, a História etc. A comparar os estudos teóricos específicos da área da Comunicação com os das Ciências Sociais, ele conclui que “é como se estivéssemos [na Comunicação] em torno de [do ano de] 1850”. (Braga, 2016, p. 19).

As dificuldades de constituição da Comunicação como disciplina passam pela exogenia e pela dispersão dos estudos que tratam do tema. Em outros termos, a ausência de uma base teórica própria e específica da Comunicação como disciplina é uma das principais razões para que as teorias explicativas dos fenômenos comunicativos venham de outros campos do conhecimento que possuem maior prestígio e longa tradição, como a



Antropologia, a Linguística, a Sociologia e a Psicologia. Esse fato, aliado à dispersão<sup>1</sup> dos estudos que abrangem o tema, acaba por tornar ainda mais complexa a compreensão dos processos comunicacionais em seus próprios termos.

Braga aponta para a necessidade de discutir questões propriamente comunicacionais e evitar “a implicitação de que algumas questões são ‘evidentemente’ comunicacionais” (2004, p. 222). Nada é evidente e nesse sentido é urgente delimitar a área da Comunicação para uma compreensão aprofundada dos fenômenos sociais. Isso porque a comunicação permeia os processos e interações sociais, então pode parecer que tudo passa pela comunicação. Em princípio, tudo pode passar pela comunicação, mas ao que parece, nada ali permanece.

A definição do que é especificamente comunicacional nos processos de interação carecem, ainda, de olhares atentos e propostas teóricas que se preocupem em tensionar e resolver a questão. Nesse sentido, que determina o objeto é o olhar (a pergunta) que se faz sobre ele e – portanto – perguntas que objetivem investigar o que é eminentemente comunicacional contribuem para os avanços do pensamento sobre o campo.

Interessa menos definir qual o objeto do campo (seja em notação empírica, seja conceitual) e mais buscar problemas e questões que pareçam relevantes para o campo formulações que não se limitem a copiar as questões já habitualmente feitas buscar explicitamente o em outras áreas de conhecimento). Isso significa que há de "comunicacional" (e não apenas sociológico, linguístico, antropológico, artístico, histórico, educacional, etc.) no questionamento. (Braga, 2004, p. 221)

Para o desenvolvimento consistente do campo da Comunicação, ele aponta ser importante partir de uma base sólida e avançar em direção às fronteiras indefinidas, com a expectativa de construir um consenso sobre até onde vai o campo e o que estaria além de sua pertinência. Dessa forma, evita-se a exogenia e parte-se em direção à definição e constituição da episteme da Comunicação. A comunicação, por acontecer nas situações mais comuns e cotidianas pode ou não ter sucesso. Nesse sentido, a comunicação não é rara, mas é tentativa.

Nossa perspectiva faz considerar todo o espectro comunicacional – envolvendo as comunicações de valor alto e de baixo valor, digamos cotidianas; bem ou mal-sucedidas; e, particularmente, incluindo múltiplos processos e objetivos moduladores: estéticos, afetivos, racionais, intelectuais, científicos, práticos, de aprendizagem, políticos (Braga, 2010, p. 70)

---

<sup>1</sup> Braga (2004) considera a dispersão relacionada às temáticas, às questões e aos objetos sobre os quais os estudos em Comunicação se debruçam. Isso se dá por algumas tendências das pesquisas empíricas na área que tendem a investigar a chamada “mídia”: veículos de comunicação, programas etc.



Por isso que, para Braga (2010, p.70), comunicação é o processo voltado para reduzir o isolamento, independente dos objetivos e da maneira como ela acontece. Ademais, quando da interação comunicacional existe uma probabilidade da interlocução não se efetivar durante o processo, ou a comunicação falhar por algum outro motivo. Por isso, no episódio comunicacional existe uma margem de “ensaio-e-erro [que] torna os resultados probabilísticos, qualquer que seja o critério adotado para considerar o sucesso da interação” (2010, p. 66). Por ser uma tentativa, a comunicação pode falhar – e muitas vezes falha.

Entender a comunicação como tentativa permite encará-la a partir de dois ângulos. O primeiro deles percebe que os episódios comunicacionais são probabilísticos (2010, p. 70), ou seja, havendo a intenção e o objetivo de se comunicar é possível que comunicação aconteça, mas não se pode garantir a comunicabilidade nas interações. Há uma probabilidade de que a comunicação se efetive, mas diversos fatores podem interferir e gerar incomunicabilidade e, com isso, o fracasso do processo. É o caso, por exemplo, de uma conversa entre duas pessoas em um ambiente barulhento, onde o ruído dificulta a compreensão do que está sendo dito, o que pode levar a mal-entendidos e incomunicabilidade.

Do ponto de vista epistêmico, para se compreender melhor o ângulo proposto por Braga, podemos recorrer à teoria da linguagem de Bakhtin (2011), que enfatiza a importância do contexto e da intersubjetividade na comunicação. Para ele, a compreensão de um texto depende não apenas do conhecimento prévio do leitor, mas também da interação entre as perspectivas do autor e do leitor, bem como do contexto histórico, social e cultural em que o texto foi produzido e recebido. Portanto, a compreensão de um texto não é garantida, mas depende de diversos fatores que podem interferir no processo comunicativo.

O segundo ângulo encara os processos comunicacionais como aproximativos, dentro de diferentes critérios e com pouca possibilidade de controle de seus resultados. Por tal ângulo se chega à conclusão de que é praticamente impossível, “estabelecer critérios apriorísticos para sucesso na tentativa interacional que é a comunicação” (2010, p. 71). É o que eventualmente acontece em interações cotidianas, como uma conversa entre amigos. Embora haja intenção de se comunicar, muitas vezes as mensagens são ambíguas ou mal interpretadas, o que pode levar a mal-entendidos e até mesmo a conflitos. Essa concepção dos processos comunicacionais aproximativos se baseia na compreensão de que a linguagem é uma



atividade social complexa, que envolve não apenas o que é dito, mas também o contexto, as emoções, as crenças e valores dos interlocutores.

Nesse sentido, é difícil estabelecer critérios apriorísticos para o sucesso da comunicação, uma vez que cada situação é única e envolve diferentes fatores que podem influenciar o resultado. Essa perspectiva se alinha com a visão de que a comunicação é um processo de construção de significados, e não apenas de transmissão de informações, como indica Charaudeau (2008).

A comunicação é, portanto, resultado de uma ação e trabalho humano e social para produzir algo que não está completamente dado nos pontos isolados prévios a uma interação. A comunicação acontece em algum ponto entre o total sucesso e o total fracasso, o que significa que não apenas pode acontecer, mas que efetivamente acontece (Braga, 2010, p. 80).

## **ESTUDOS DE INTERFACE**

O caminho apontado por Braga (2004) para resolver a questão da exogenia nos estudos sobre comunicação são os estudos de interfaces, em que há a aproximação e o tensionamento dos conceitos de áreas diferentes, mas que em algum ponto se encontram ou tangenciam. Tal tensionamento geraria novas perspectivas e considerações teóricas relevantes. Ele explica que quando se trata das interfaces comunicacionais estaríamos nos referindo a fenômenos sociais nos quais se encontram:

- um perfil de práticas, origens e objetos diferenciados;
- que têm seus processos interacionais desenvolvidos em função de suas necessidades próprias de movimentação na sociedade; - mas que também encontram problemas de interação (comunicacionais) que não se resolvem totalmente de modo subsumido aos próprios objetivos de efetividade da área extra-comunicacional;
- esta situação faz ressaltar então, para nossa área, a "comunicação" como questão, como ângulo que solicita reflexão, ações e desenvolvimento de conhecimentos especiais. (2004, p. 226)

A articulação de teorias variadas na abordagem de interfaces não é uma questão de diluição de fronteiras, mas sim uma necessidade de conhecer a concretude do objeto em suas articulações. Essa abordagem é baseada na ideia de que a comunicação está presente em todas as áreas de conhecimento e atuação social, e que essa presença é cada vez mais mediada. Portanto, dois vetores concorrem para a relevância das questões comunicacionais na



contemporaneidade: o reconhecimento da importância das interações e o aumento da sua mediatização. Nessa perspectiva,

[...] o estudo das interfaces torna-se um espaço privilegiado de construção do campo – para desentranhar o que é propriamente comunicacional das demais questões. (2004, p. 228)

No estudo das interfaces, o campo de conhecimento se constitui não por separação ou distinção, mas sim pelo desenvolvimento de percepções mútuas entre a comunicação e outros campos sociais e de conhecimento, uma vez que o objeto não aparece nunca "em estado puro", mas sim isolado de motivos e processos que lhe dão "tonalidades". Para a Comunicação, a questão interacional deve prevalecer, seja midiática ou não.

Identificar as fronteiras entre Comunicação e Educação na interface é buscar entender o que é específico em cada uma das áreas investigadas neste texto, olhando para as bordas e os pontos em que elas se tangenciam. Ambas são processos tentativos e sujeitos a falhas, mas convergem na busca pelo entendimento, compreensão e mudança dos sujeitos envolvidos na interação.

Ao focar na Comunicação, como propõe Braga (2004), buscamos identificar o que é típico da natureza da comunicação e até onde ela interfere no processo educacional. Martino e Marques (2016) apresentam uma perspectiva um pouco diferente da de Braga (2004) ao tratarem das modalidades e derivações da comunicação. O foco dos autores não está nas interações. Para eles, um dos principais problemas é a dificuldade em se estabelecer uma definição precisa e universalmente aceita para o conceito de comunicação, dada a sua complexidade e diversidade de formas e modalidades.

A comunicação, vista como interação entre interlocutores, discursos, dispositivos, espaços conversacionais e interpretações, aproxima distâncias e diferenças, conferindo destaque à singularidade da experiência por meio de um trabalho minucioso de alinhamento de uma multitude de pontos e de elementos responsáveis por estabelecer o contato entre os indivíduos. Contato esse que nunca aparece sob uma única forma, pois é, ao mesmo tempo, afetivo e racional, consensual e conflitivo, estético e político (Martino; Marques, 2016, p. 114).

A interação seria, então uma das modalidades da comunicação no mundo da vida e que a comunicação é uma dimensão fundamental do processo de construção de um "mundo comum". Outro caminho, trilhado por Sousa (2016), aponta em uma direção que contribui para a reflexão que propomos acerca da Comunicação e da Educação ao discutir infância e mídia. Sua abordagem permite considerar que a comunicação seja um processo complexo e

**Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-20, e-rte331202415, 2024.**



dinâmico, que envolva elementos estruturantes como a sociedade e a subjetividade. Em sua perspectiva, a comunicação seria porosa, aberta, inacabada e relativa, o que implicaria em desafios para compreendê-la em sua totalidade, especialmente com o advento dos meios de comunicação do final do século XX, quando a mídia passa a ocupar lugar de destaque na sociedade e acaba por, de alguma maneira, questionar o papel da escola. Ela analisa que

a família e a escola, consideradas peças-chaves para a socialização das crianças, se deparam com outras instâncias que põe em cheque os saberes aí produzidos. Trata-se pois, da forte presença das mídias, em especial a televisão que fornecem às crianças uma gama de informações, imagens, símbolos, valores e modelos, que de uma forma ou de outra são apropriadas e reelaboradas pelas mesmas (Sousa, 2016, p. 178)

Nesse sentido, tanto a família como a escola teriam o papel de fornecer o conhecimento necessário para a integração nos processos sociais. No entanto, essas instituições compartilham suas funções, estabelecidas pela ordem moderna, com outros meios de acesso ao fluxo contínuo de informações disponíveis. Nessas alternativas, os "filtros" são flexíveis e adaptáveis, permitindo um contato precoce com realidades de diversas naturezas. A mídia poderia ser, então, um subsídio educativo importante para as escolas, desde que os educadores se despissem do preconceito em relação a ela, especialmente à televisão<sup>2</sup>.

## **SINALIZAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Para entender a comunicação é importante perceber que comunicar é algo que acontece entre as pessoas: algo de natureza imaterial, fenomenológica e processual. Intangível por princípio e, portanto, impossível de se estocar ou tampouco de se transmitir. A comunicação vai além do processo de emissão e recepção, entendidos como processos diferentes. É nesse sentido que seguem os estudos que veremos a seguir.

Um dos autores contemporâneos que se dedicou a compreender as origens filosóficas do conhecimento comunicacional, suas características específicas e as transformações típicas do processo comunicacional, Ciro Marcondes Filho (1948-2020), considera que a comunicação só acontece quando há mudança nas pessoas envolvidas. Para ele, "comunicação

<sup>2</sup> Para a autora, a presença da mídia no cotidiano das crianças acarreta transformações na infância e no modo como elas se relacionam e interagem, influenciando assim seus processos de socialização.



é exatamente isso: o fato de eu receber o outro, a fala do outro, a presença do outro, produto do outro e isso me transformar internamente” (Marcondes Filho, 2008, p. 8).

Assim, para o autor, comunicação é um processo, uma relação criada entre as pessoas envolvidas na interlocução, um fenômeno e um acontecimento. Algo de caráter único, efêmero e que não pode ser repetido: “o evento mágico da comunicação humana” (Marcondes Filho, 2008, p. 9). Importante destacar que é essa magia da comunicação humana que nos torna humanos.

Não se trata de “uma coisa” e, nesse sentido, mais do que não poder ser transmitida ou transferida, a comunicação não pode “encerrar, em si, uma verdade, não pode ser ‘traduzida’, não há uma chave que nos diga o que a coisa significa, quer dizer, representa” (Marcondes Filho, 2004, p. 15). Comunicação é, portanto, processo. Ela não está na difusão da informação pelos veículos de comunicação e plataformas digitais, não é um instrumento passível de ser utilizado para um determinado fim, ao contrário.

Ela vem da criação de um ambiente comum em que os dois lados participam e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum deles e que altera o estatuto anterior de ambos, apesar de as diferenças individuais se manterem (Marcondes Filho, 2004, p. 15).

Por ser um fenômeno, um acontecimento, a comunicação não poderia ser vista como um processo de mera transmissão de informações, deslocamento de interesses ou transferência de sentido porque ela não seria algo palpável e tangível como um objeto que pode ser realocado em algum outro lugar. Diferente de uma transmissão, “comunicação é um procedimento meu em relação àquilo que me aparece ou eu procuro. É minha maneira de me relacionar com o mundo” (Marcondes Filho, 2008, p. 17).

Portanto, comunicação seria um fenômeno raro. Criticamente, o autor considera que os meios convencionais de comunicação, na verdade, esvaziam o fenômeno comunicacional ao extrair dele sua vitalidade. Para Marcondes Filho, comunicar é verbo intransitivo: aquilo me comunicou.

Há um momento num processo comunicacional em que, ao estado, ao impacto de quem constata o ar, há um momento em que outro, enfim, percebe, sente o que estou dizendo, entende? Vive como eu, completa. O que eu dizia participa desse mesmo. Somos arrebatados misturando-nos no outro. Operou se aí uma mudança qualitativa em nós, fomos comunicados (Marcondes Filho, 2004, p. 100).



Ou seja, a comunicação tem um instante mágico, de produção única e impossibilidade de repetição do sentido. Para explicar sua proposta teórica, o autor distingue os conceitos de sinalização, informação e comunicação. Para ele, tudo sinaliza. Diferente de outras abordagens teóricas<sup>3</sup>, para Ciro Marcondes Filho, os emissores emitem sinais e não informações ou mensagens.

Ao contrário do esquema, popularmente conhecido pelo senso comum, que explica o processo comunicacional por meio da ação entre emissor, receptor, mensagem, canal, contexto e código, Ciro Marcondes Filho considera que tudo emita sinais e que tais sinais poderão – ou não – comunicar. “Tudo ao nosso redor produz sinais que podem ou não ser convertidos em componentes do processo comunicacional. Todos somos, em princípio, emissores” (Marcondes Filho, 2010, p. 15).

Tudo, nesse sentido, não se refere apenas aos sujeitos ou aos veículos de comunicação. Para ele, tanto a natureza, os animais, as pessoas, os acontecimentos, as obras de arte, as sensações, os silêncios, as emanações do outro emitem sinais, são emissões. E tais emissões, advindas dos mais diferentes contextos, lugares, situações e interações, teriam a possibilidade de comunicar. A emissão não é entendida como o ponto de partida para algo tangível que será conduzido a um receptor. Antes, ela é um

[...] processo (...) autônomo e independente do resultado da comunicação. A emissão se relaciona com a nossa observação do mundo que nos rodeia ou com a ausência dela, e relacionado também com as intenções de intervenção, de manipulação, de sedução, de controle, de administração, de operação sobre o outro (Marcondes Filho, 2010, p. 15).

Percebe-se que não há, e nem poderia haver de acordo com a proposta do autor, uma relação direta entre emissão / recepção / comunicação. A emissão pode gerar comunicação, mas não se trata de algo que dependa dela: “se a comunicação realiza-se ou não, isso não

<sup>3</sup> Há nas chamadas “Teorias da Comunicação” diversas tendências intelectuais, como já mencionamos, devido à exogenia do campo. A ideia de transmissão e troca de informações aparece com destaque nas proposições da “Teoria Matemática da Comunicação”, uma teoria sobre a transmissão eficiente das mensagens (Shannon; Weaver, 1975), que buscava a sistematização do processo comunicativo de um ponto de vista técnico. É de acordo com essa abordagem que se estabeleceu o modelo amplamente conhecido: Emissor > Mensagem/Informação > Receptor. Também na Cibernética a ideia de organização da informação sustenta o pensamento de transmissão mensagens entre os participantes do processo. Para esses teóricos, importa a quantidade de informação “capaz de penetrar o suficiente num dispositivo de armazenamento e comunicação, de modo a servir como gatilho para a ação” (Weiner apud Pignatari, 1989, p. 11)



depende da emissão, mas da decisão do outro, do que recebe”. (Marcondes Filho, 2010, p. 16).

Emissores emitem sinais. Os sinais podem se tornar uma informação na medida em que o outro se interesse por ela. “Qualquer coisa que esteja ao meu redor só passa a existir no momento em que eu me interesso por ela”, explica Ciro Marcondes Filho (2010, p. 16).

Ao tratar da comunicação como relação, ele considera que seja necessário retirar o olhar técnico da comunicação, aquela atrelada aos veículos e às plataformas digitais, e encará-la como uma sensação, como algo que modifica o outro e age sobre e com ele.

A comunicação, portanto, é possível, mas não no sentido convencional: eu não passo nada a ninguém, não transmito coisa alguma, não troco. Eu existo, emito sinais, falo, canto, escrevo. Para o outro, sou uma alteridade insondável, mas que pode ser observada, ouvida, lida. Esse outro reage a mim enquanto alteridade e realiza para si, havendo interesse em intencionalidade, algo de novo, um aumento de sua complexidade. A comunicação realizou-se. (Marcondes Filho, 2010, p. 34)

Nesse sentido, nos comunicamos quando acolhemos nossos outros. Ou dito como proposto pelo autor, “quando me esvazio de mim, de minha autossuficiência, quando deixo meu solipsismo e me amplio, me alargo, me supero pelo outro” (Marcondes Filho, 2010, p. 43) e isso se dá por meio do diálogo. O diálogo aparece, na proposição de Marcondes Filho, como um espaço comum em que a palavra atravessa, preenche um espaço entre as pessoas. Um jogo de espelhos em que o que é dito perpassa os sujeitos e como um componente ético. “O diálogo é o que acontece *entre* as pessoas (...) entre as pessoas circula algo”. Mais adiante, ele explica, circula nesse espaço um conjunto de sinais que podem (ou não) ser apreendidos: “cada um extrai dela o que convém. Isso é a comunicação” (Marcondes Filho, 2008, p. 26, *grifo do autor*).

E é nesse sentido que Ciro Marcondes Filho aproxima a discussão entre a Comunicação e a Educação: na compreensão do aprendizado considerando a percepção do Outro e da inclusão da alteridade no processo. O aprendizado, para ele, é uma das circunstâncias humanas em que de fato ocorre a Comunicação. A aprendizagem seria, portanto, um processo comunicacional, um encontro de intencionalidades que altera o estatuto anterior de ambos os envolvidos.

Nem a Comunicação nem a Educação se resumem apenas ao diálogo. Na atividade pedagógica existe a intencionalidade e os objetivos, relacionados à aquisição de



conhecimentos básicos para a vida em sociedade. É preciso que se instrua, disponibilize informações, se aprenda a fazer, a pensar, a calcular, a falar, a conhecer o mundo. Estas atividades são, para o autor, distintas do ato de comunicar:

[...] a comunicação, mesmo do comunicar na educação, que considera o outro como alguém cuja liberdade é exterior à minha que está fora do meu sistema e cuja razão a nossa razão surge do ensino entre mim e ele. Para essa perspectiva, ensinar não é impor nada a outro, não é depositar coisa alguma. (Marcondes Filho, 2008, p. 50)

Para que a aprendizagem, assim como para que a comunicação aconteça, é necessário que haja abertura para o Outro – tanto dos que ensinam como dos que aprendem e que haja mudança, que o acontecimento comunicacional / educacional altere os sujeitos. De acordo com o autor, o conhecimento que se propõe ensinar só tem sentido, só ganha utilidade e valia se quem aprende percebe nele aplicações e usos. Assim, em consonância com a concepção freireana “é preciso que o professor se dispa de sua autoridade e invista-se de uma postura simples e receptiva” (Marcondes Filho, 2008, p. 53).

É preciso compreender que a aprendizagem e a comunicação só acontecem a partir da abertura ao outro e da disposição para a mudança. Nesse sentido, a concepção freireana de que o professor deve se despir de sua autoridade e adotar uma postura receptiva é fundamental para que ocorra uma relação mais horizontal<sup>4</sup> entre professor e aluno.

## **O DIÁLOGO, A COMUNICAÇÃO E A APRENDIZAGEM**

A Educação tem na relação dialógica sua essência na perspectiva pedagógica de Paulo Freire (1983, p. 59), pois é por meio da dialogicidade que se estabelece uma relação de igualdade entre educador e educando, possibilitando a construção do conhecimento de forma coletiva e crítica. É através do olhar atento ao Outro, do respeito e do diálogo que se pode superar o formato de educação conservador, que ele descreve como educação bancária: aquela em que o educador é visto como superior, como o detentor absoluto do conhecimento, e o educando – coadjuvante no processo - como um mero receptor passivo de informações.

---

<sup>4</sup> Assim, é possível pensar a educação a partir das mesmas bases que a comunicação, considerando a interação como elemento fundamental para a construção do saber e para a mudança dos sujeitos envolvidos no processo educativo.



A dialogicidade, a comunicação e a educação são processos interligados e que não podem ser compreendidos isoladamente e, nesse sentido, é importante que os sujeitos envolvidos se percebam como tais, incluindo suas diferenças (Dias, 2014, p. 332) e posições na sociedade de modo que o diálogo e a aprendizagem possam ocorrer de maneira emancipatória.

Ao buscar sistematizar esses processos interligados, é possível compreender a lógica de reciprocidade existente entre dialogicidade, comunicação e educação. Uma atitude libertária e revolucionária surge quando a compreensão desses processos passa pelo diálogo e se abandona a subordinação às demandas do mercado em nome da formação humana em sua plenitude, como aponta Dias (2014).

O diálogo é, nesse sentido, a essência da educação como prática para a liberdade freireana e a comunicação é condição para tal processo, uma vez que por meio dela geram-se impactos e mudanças definitivas no sujeito. Para que haja uma educação emancipatória que viabilize mudança e autonomia, é necessário estabelecer uma dinâmica comunicacional que permita a modificação mútua e constante entre os sujeitos envolvidos. Dessa forma, é possível promover uma prática comunicacional integral que humanize e eduque para a vida, sem negar os domínios técnicos e tecnológicos, o mundo *on-line* e *off-line*, mas que também se afaste da lógica mercantil e busque a formação humana em sua plenitude.

Nesse modelo de educação, o objetivo é a transmissão de conteúdos prontos e acabados, sem a preocupação com a reflexão crítica ou com a construção coletiva do conhecimento. Na educação bancária,

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 1987, p. 37)

A superação do modelo de educação bancária, na qual prevalecem os anti-diálogos (1967, p. 115) para uma educação libertadora e que favoreça a emancipação dos sujeitos só pode acontecer se percorrido o caminho inverso daquele em que os comunicados são passados adiante e absorvidos acriticamente pelos estudantes. A trajetória para a aprendizagem passa por superar a ideia de que conhecimento pode ser transmitido, da mesma maneira que se deve avançar na compreensão de que a comunicação seja a mera transmissão de “algo” de um



emissor para um receptor. Assim, a essência da ação cognitiva, do ato de conhecer, não estaria ligada à mera transmissão de conhecimentos:

Equivocada também está a concepção segundo a qual o que fazer educativo é um ato de transmissão ou de extensão sistemática de um saber. A educação, pelo contrário, em lugar de ser esta transferência do saber – que o torna quase “morto” –, é situação gnosiológica em seu sentido mais amplo. (Freire, 1983, p. 46)

A aprendizagem não deve ser vista, nesse sentido, como um processo mecânico de transferência de informações do educador para o educando. Ao contrário, ela deve ser encarada como uma ação colaborativa em que ambos os sujeitos são ativos na construção do conhecimento:

Em ambos os casos [tanto no que se refere a conteúdos concretos como abstratos], a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente. (Freire, 1983, p. 47)

Alcançar o pensamento crítico só é possível, como descreve o autor, por meio da educação que viabiliza a emancipação dos sujeitos. Freire lembra que não há existência fora da comunicação e adverte:

Este diálogo, como exigência radical da revolução, e responde a outra exigência radical – a dos homens como seres que não podem ser fora da comunicação, pois que são comunicação. Obstaculizar a comunicação é transformá-los em quase “coisa” e isto é tarefa e objetivo dos opressores, não dos revolucionários. (1987, p. 79)

O diálogo como exigência radical permite situar a comunicação como cerne do pensamento freireano na medida em que são essas as interações que vão construir o conhecimento e permitir uma educação efetivamente libertadora. O que permite supor ser a dinâmica comunicacional a premissa para uma educação emancipatória, que viabiliza mudança e a autonomia.

Seguindo a perspectiva freireana, Dias (2014, p. 339) considera que “o diálogo é uma exigência existencial, é o que carrega de humanidade as nossas relações” e, nesse sentido, o diálogo fundamenta e estrutura as práticas cotidianas e - também - o fazer educativo. Para a autora, “neste exercício de vida, o diálogo assume a condição de exigência para a própria existência humana e somente é possível a partir do ‘encontro’, do ‘ato de criação’ (Dias, 2014, p. 329).



Assim, para alcançar uma educação emancipatória que permita mudanças e autonomia, é preciso estabelecer uma dinâmica comunicacional que promova a modificação mútua e constante, construindo efetivamente o processo comunicacional e a interação humana, uma vez que “se não há modificação mútua e constante, não está aí estabelecido o dialogismo, não há interação humana, não se constrói o processo comunicacional efetivamente” (Dias, 2014, p. 341).

É a partir do diálogo que os educandos são incentivados a questionar a realidade em que estão inseridos, a compreender as relações de poder que permeiam a sociedade e a buscar formas de transformá-la. “Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, é capaz, também, de gerá-la. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. (Freire, 1987, p. 53). A aprendizagem se torna um instrumento de libertação, de conscientização crítica e de ação transformadora se inserida numa situação comunicacional.

É por meio do diálogo que ocorre essa comunicação, entendida como uma relação horizontal geradora de criticidade. Nos termos de Freire, o diálogo seria

[...] uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (Freire, 1967, p. 107).

Nesse sentido, a Educação é Comunicação, é diálogo, e não apenas a transferência de saber. É um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (Freire, 1983, p. 46). Tal busca, muitas vezes, se dá em sala de aula, portanto, o momento da aula deve ser um momento de efetiva busca de conhecimento, de experimentação de métodos, técnicas, processos de comunicação e não como prática de uma transmissão de conteúdo, mesmo porque, a ideia de transmissão de “uma coisa” reduz inclusive a noção do que seja a Comunicação.

Para além da sala de aula, encontramos em Maknamara (2020) uma perspectiva relevante acerca de como um artefato cultural pode regular a vida social ao conectar “suas formas de representação, articulação e consumo e as identidades a eles associadas” (Maknamara, 2020, p. 68). Em seu estudo, ele discute forma como um artefato cultural, como a música, pode ser investigado e significado como uma “máquina de ensinar”, ou seja, como



ela pode atuar na construção de saberes e produzir significados que influenciam a formação dos sujeitos.

A discussão proposta pelo autor indica que os novos produtos comunicacionais típicos do nosso tempo podem, por seus usos, apropriações e presenças constantes nas rotinas dos sujeitos, desvelar desconfortos e desafios para o processo educacional uma vez que – embora seus objetivos não sejam educacionais – também atuam de maneira pedagógica<sup>5</sup>. Diante de um mundo repleto de estímulos midiáticos que ensinam, o papel da escola e dos professores se coloca como ainda mais necessário e desafiador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comunicação e a Educação são duas áreas que, com propósitos e epistemes distintas, se aproximam na medida em que objetivam – por meio da interação entre sujeitos – a compreensão, a mudança e a construção de conhecimento. A Comunicação parece estar em todas as interações humanas na medida em que os sujeitos se relacionam (por meio da linguagem ou de outras deixas simbólicas), o que leva a considerar que tudo pode passar pela Comunicação, mas ao que parece, nada ali permanece no sentido de se definir o que é típico e específico da natureza comunicacional.

Essa abordagem é baseada na ideia de que a Comunicação está presente em todas as áreas de conhecimento e atuação social, e que essa presença é cada vez mais mediada por veículos e plataformas. Portanto, a Comunicação estaria ao mesmo tempo dentro - como parte constitutiva necessária em qualquer atividade social; e fora - como espaço geral de interações sociais.

Partindo da perspectiva de Braga, para quem um conceito apriorístico de Comunicação não seria o mais adequado, ao contrário: o esforço seria a busca pelo que é comunicacional

---

<sup>5</sup> Sobre este ponto é curioso destacar a campanha publicitária, estrelada pelo rapper e escritor Emicida, veiculada em 2021 com a hashtag “#QuemTemTikTokTemTudo” e o objetivo de mostrar que os usuários podem aprender de tudo um pouco na plataforma. De acordo com a mensagem publicitária, o TikTok tem ajudado a democratizar o acesso ao conhecimento e já teria se tornado um destino para quem busca desde de tutoriais até lições de ciência. Disponível em <https://newsroom.tiktok.com/pt-br/quem-tem-tiktok-tem-tudo-emicida> Acesso em 31 de maio de 2023.



nos fenômenos. Em sua perspectiva, Comunicação não é rara, mas tentativa. Ela pode acontecer plenamente, mas ela pode falhar e nem por isso se torna inválida ou deixa de acontecer.

Também na Educação, campo que articula intencionalmente ensino e aprendizagem, é possível perceber um parâmetro tentativo nas práticas educacionais uma vez que a aprendizagem é um fenômeno complexo e que a garantia de sucesso não pode ser previamente definida.

É por meio da educação libertadora que Freire propõe a emancipação dos sujeitos e isso se dá, fundamentalmente, por meio do diálogo. É por meio de uma relação dialógica, pautada na empatia e no respeito que se causa a mudança através da qual se constrói o conhecimento. O processo educativo precisa ser transformador, assim como a Comunicação. Essa mudança definitiva e impactante aparece na definição de Comunicação para Ciro Marcondes Filho.

A Nova Teoria da Comunicação considera que a Comunicação pode ou não acontecer e isso não depende da emissão, mas da decisão do outro, do receptor da mensagem. Para Ciro Marcondes Filho, emissão e informação são etapas anteriores à Comunicação. É quando acontece a mudança no sujeito que se dá a comunicação. Assim, para ele, o aprendizado é uma das circunstâncias em que de fato ocorre a Comunicação – entendida como um processo comunicacional, um encontro de intencionalidades que altera o estatuto anterior de todas as pessoas envolvidas.

Em Ciro Marcondes Filho encontramos o diálogo como possibilidade para alçar o uma significação nova. O diálogo aparece no pensamento do autor como um espaço comum em que a palavra atravessa, preenche um espaço entre as pessoas. Tal perspectiva se aproxima da visão de Paulo Freire, para quem a relação dialógica é a essência da educação.

Outro ponto de similaridade entre Freire e Marcondes Filho está na concepção de que não se transmite (conhecimentos ou informações) nada, seja no processo comunicacional seja no educacional. Isso porque nem a Comunicação é uma “coisa” que pode ser transmitida, tampouco o é o conhecimento. Ambas são resultado de processos e fazem parte de um fenômeno que, cada qual à sua maneira, gera impactos e mudanças definitivas no sujeito.



Percebe-se, assim, uma proximidade com a noção freireana educação / mudança / emancipação entre os autores, ainda que em Braga de maneira menos direta, mas como fenômeno tentativo – assim como o é a educação em Freire. Como aponta Dias (2014), da mesma maneira que não há a possibilidade de haver uma comunicação neutra, tampouco existiria uma educação que se descolasse dos sujeitos participantes do processo. É por meio do diálogo e da percepção do outro que tanto comunicação como aprendizagem se estruturam.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Contracampo**, n. 10/11 (2004): 40 anos de understanding, PPGCOM – UFF, 2004.
- BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010, p. 65-81 - São Paulo - Brasil
- BRAGA, José Luiz. O que é comunicação? **Líbero**, São Paulo – v. 19, n. 38, p.15-20, jul./dez. de 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DIAS, Luciene de Oliveira. **Desatando nós e construindo laços: dialogicidade, comunicação e educação**. In. SOUSA, Rosa Maria Vidal de.; MELO, José Marques de.; MORAIS, Osvando J. de. Org. Teorias da Comunicação: Correntes de Pensamento e Metodologias de Ensino [recurso eletrônico], São Paulo: INTERCOM, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 04-18, mai./ago. 2020.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.



MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: contatos imediatos com a nova teoria da comunicação. São Paulo: Paulus, 2008

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante**: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: Nova Teoria da Comunicação III: tomo V. São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINO, Luis Mauro Sá.; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Modalidades e derivações da comunicação no mundo da vida: sentidos, experiência e interação. **Galaxia**, n. 31, p.105-116, abr. 2016, São Paulo.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1987.

SHANNON, Claude. Elwood.; WAEVER, Warren. **A teoria matemática da comunicação**. Tradução de Orlando Agueda. São Paulo: DIFEL, 1975

SOUSA, Nadia Jane. Infância e mídia: desafios para a educação na contemporaneidade. **Espaço do Currículo**, v.9, n.1, p. 173-181, Janeiro a Abril de 2016 – UFPB.

#### SOBRE A AUTORIA:

[\*] Mestre, doutoranda em Comunicação – Universidade Federal de Goiás - titulação - vinculação – 0000-0003-4390-7211- jullena@discente.ufg.br

[\*\*] Doutora – Universidade Federal de Goiás - 0000-0002-7593-4540 – luciene.dias@ufg.br

---

Submetido em: 04 de maio de 2023.

Aprovado em: Dezembro de 2023.

Publicado em: Maio de 2024.